

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Redução do valor do diesel é a terceira em um mês

Petrobras reduz em 4,6% preço do diesel às refinarias

A Petrobras anunciou nesta segunda-feira (5), que reduziu em 4,6% o preço do diesel no mercado brasileiro, o que equivale a R\$ 0,16, com o litro do produto passando a custar R\$ 3,27 nas refinarias da estatal a partir da terça-feira, 6.

O reajuste segue outras duas reduções recentes, de 3,3% em 18 de abril e também de 4,6% em 1º de abril.

Mistura	Acumulado
Segundo a Petrobras, considerando a mistura obrigatória de 86% de diesel A e 14% de biodiesel para composição do diesel B vendido nos postos, a parcela da estatal no preço ao consumidor passará a ser de R\$ 2,81/litro, uma redução de R\$ 0,14 a cada litro de diesel B.	“Com o reajuste anunciado, a Petrobras reduziu, desde dezembro de 2022, os preços de diesel para as distribuidoras em R\$ 1,22/litro, uma redução de 27,2%. Considerando a inflação do período, esta redução é de R\$ 1,75/litro ou 34,9%”, disse a estatal em nota.



Faixa é para classe média, com renda de até R\$ 12 mil

Caixa inicia faixa 4 do MCMV voltada para a classe média

A Caixa Econômica Federal começou nesta segunda-feira (5), a operação do crédito imobiliário da Faixa 4 do Minha Casa Minha Vida. A nova faixa é destinada às famílias de classe média, com renda mensal de até R\$ 12 mil, tem juro nominal de 10% ao ano (a.a.) e prazo de pagamento de até 420 meses.

Os clientes podem

Reajuste	Juros
Houve ainda um reajuste nos limites de renda das outras faixas. Na faixa 1, o limite de renda mensal familiar passa a ser de R\$ 2.850; na 2, foi a R\$ 4.700; e na 3, a R\$ 8.600. Entre este valor e R\$ 12.000 fica o público-alvo da 4, que antes não era atendido pelo programa.	Criada pelo governo para expandir o alcance do programa habitacional, a Faixa 4 tem juros inferiores aos cobrados em financiamentos com recursos dos bancos, que costumam estar mais próximos à taxa básica de juros da economia, a Selic, embora em geral fique abaixo dela.

Aceleração	Quatro
O IPC-S acelerou o ritmo de alta a 0,52% no fechamento de abril, após elevação de 0,44% no encerramento de março e de 0,47% na terceira quadrisesmana de abril. As informações foram divulgadas nesta segunda-feira, 5, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).	Houve avanço em quatro dos oito grupos que compõem o IPC-S na passagem da terceira para a quarta quadrissemana: Saúde e cuidados pessoais (1,19% para 1,41%); Despesas diversas (0,61% para 0,88%); Educação leitura e recreação (-0,53% para -0,36%) e Habitação (0,36% para 0,48%).

Focus reduz projeção do IPCA de 2025 pela 3ª vez

Em compasso com a alta da Selic, índice recuou de 5,55% para 5,53%

Por Marcello Sigwalt

Jakub Kapusnak/Unsplash

Cimentando um aparente ‘acordo tácito’ do mercado com o aperto monetário conduzido pelo Banco Central (BC), o boletim Focus – consulta semanal da autoridade monetária às 100 maiores instituições financeiras nacionais – reduziu, pela terceira vez seguida, a projeção do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), desta vez, de 5,55% para 5,53%, ante à iminente nova alta da Selic (taxa básica de juros), de 14,25% ao ano (a.a.) para 14,75% a.a., conforme previsões de analistas, com lastro para novo reajuste, mais à frente.

A ‘banca’ é mais generosa, ao apostar numa estabilidade do indicador oficial de inflação em 4,51% para 2026 e em 4%, para 2027. Para 2028, este subiu de 3,78% para 3,80%.

Ao contrário da queda, a ‘conta-gotas’ da inflação, aquela sobre o PIB continuou ‘empacada’ em 2%, o mesmo valendo para o ano que vem, em 1,7%.

No que toca à Selic (taxa

básica de juros), porém, o Focus, pela 1ª vez, projetou recuo do indicador, de 15% a.a. para 14,75% a.a.. Isso indicaria que a taxa não sobe, nem desce até o final de 2025. Para 2026 e 2027, a Selic foi mantida em 12,50% a.a. e 10,50% a.a., respectivamente.

No plano externo, o boletim ‘estabilizou’ a previsão de

superávit comercial deste ano em US\$ 75 bilhões. Essencial para financiar o déficit das transações correntes (estabilizado em US\$ 55,90 bilhões), o ingresso de investimento estrangeiro foi mantido nos US\$ 70 bilhões anteriores, mesmo patamar de 2026.

Pela 19ª seguida, o Focus manteve em 0,60% do PIB o

deficit primário do setor público para este ano, baixando de 0,67% do PIB para 0,64% do PIB, para 2026.

Na contramão da tendência de crescimento ‘explosivo’, o mercado projetou decréscimo da dívida líquida do setor público (DLSP), de 65,90% para 65,80%, e de 70,35% para 70,18% para 2026.

Redução milimétrica programada do IPCA contrasta com paralisia do PIB para 2025

Confiança empresarial cai pela 4ª vez

O Índice de Confiança Empresarial (ICE) caiu 0,1 ponto em abril ante março, quarto mês consecutivo de queda, para 94,1 pontos, informou nesta segunda-feira, 5, a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em médias móveis trimestrais, a confiança empresarial encolheu 0,3 ponto.

“A relativa acomodação do ICE em abril ainda não pode ser interpretada como um sinal de interrupção da tendência

da queda iniciada em janeiro, uma vez que o resultado pode ser inteiramente atribuído à alta da confiança do Comércio – um movimento que reflete uma correção após quedas muito fortes nos meses anteriores. Nos demais grandes setores, a confiança continuou em declínio, inclusive com piora das expectativas mais longas da pesquisa, com horizonte de seis meses”, avaliou Aloísio Campelo Junior, superintendente de Estatísticas Públicas do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV), em nota oficial.

O Índice de Confiança Empresarial reúne os dados das sondagens da Indústria, Serviços, Comércio e Construção. O cálculo leva em conta os pesos proporcionais à participação na economia dos setores investigados, com base em informações extraídas das pesquisas estruturais anuais do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a FGV, o objetivo é que o ICE permita uma avaliação mais consistente sobre o ritmo da atividade econômica.

“O resultado reverte integralmente a alta de março e sugere uma estabilização em torno dos 96 pontos, patamar ao do segundo semestre do ano passado, quando o índice esteve mais próximo do nível neutro dos 100 pontos”, observou a FGV.

Dia das Mães: tradição segue em alta

Portal FGV

A pesquisa nacional de intenção de compras para o Dia das Mães, realizada pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP) e pela PiniOn, revelou que 46,7% dos brasileiros pretendem comprar presentes para a data. Em relação ao ano passado, houve um pequeno aumento tanto nos que pretendem comprar quanto nos que não irão comprar. Por outro lado, a proporção de indecisos diminuiu, com 32% afirmando que não comprarão presentes e 21,3% ainda indecisos.

Entre os que planejam apresentar suas mães, 39,7% disseram que irão gastar mais do que em 2024, enquanto 34,2% indicaram que gastarão menos. O estudo também mostrou que, em relação ao ano passado, houve um aumento leve nas duas proporções. Quando questionados sobre o valor a ser gasto, a maioria (77,6%) dos entrevistados afirmou que pretende gastar entre R\$ 50,00 e R\$ 600,00.

A pesquisa também revelou que a maior parte das compras será realizada em pequenos estabelecimentos (43,7%), com uma preferência expressiva por compras presenciais em lojas físicas (60,8%). Por outro lado, 69,4% dos entrevistados manifestaram que não utilizarão a antecipação do 13º salário para financiar as compras de presentes para o Dia das Mães.

O levantamento identificou as principais categorias de presentes entre os consumidores. O vestuário continua sendo a

principal escolha, com 52,9% dos entrevistados mencionando essa categoria. No entanto os índices de intenção de compra caíram significativamente desde antes da pandemia, quando a categoria representava 80%. Além disso, 58,2% dos entrevistados pretendem comprar produtos de beleza, joias e bijuterias.

As categorias de móveis, eletrodomésticos e produtos digitais apresentaram uma queda em relação ao ano passado, somando 38,4% das intenções de compra, abaixo dos 45,1% registrados em 2024. Essa redução pode ser atribuída ao aumento das taxas de juros, que impactam diretamente o poder de compra dos consumidores.

Chocolates e flores continuam sendo opções de presente, com 15,5% das preferências para chocolates isoladamente, e 27,5% quando somados aos itens de flores.

‘Bondade’ petista infla juros futuros

A abertura da curva de juros acompanhou o movimento dos rendimentos dos Treasuries desde cedo, com a tese de que o Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) teria espaço para cortar juros perdendo força após novos dados mostrarem a economia dos EUA ainda resiliente.

À tarde, as taxas renovaram máxima por relatos de que o governo Lula tenta criar uma nova linha de crédito para motoristas de aplicativo, o que seria contraproducente do ponto de vista de política monetária.

Às 17h15, a taxa de depósito interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 subia para 14,725%, de 14,684% no ajuste de sexta-feira. O DI para janeiro de 2027 avançava para 14,060%, de 13,958%, e o para janeiro de 2029 subia de 13,592% para 13,700%.

“O mercado havia embarcado na tese de que haveria

recessão nos Estados Unidos e que isso abriria espaço para o Fed cortar juros, mas os últimos dados não estão validando muito isso. Então há uma certa desistência do investidor nesta tese, gerando um grande movimento de inclinação na curva lá fora, e é exatamente o que estamos vendo aqui também”, afirma o economista-chefe da Nova Futura, Nicolas Borsoi.

O índice de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) do setor de serviços dos EUA medido pelo Instituto para Gestão da Oferta (ISM, na sigla em inglês) avançou de 50,8 em março para 51,6 em abril, contrariando a expectativa de analistas consultados pela FactSet de recuo do índice a 50,2.

Além disso, o PMI de serviços medido pela S&P Global caiu a 50,8, acima da previsão de 50,6 também de analistas da FactSet.